

**CONEXÕES ENTRE LINGUÍSTICA E CIBERCULTURA
NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: SUBSTANTIVO,
ADJETIVO (NOMES) E VERBO – PROPOSTA DE CRIAÇÃO
DE MATERIAL DIDÁTICO³⁶**

Antonio Cilrírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

Marilene Souza da Silva (UEMA)

marysouzajc@gmail.com

Vanessa Nascimento Almeida (UEMA)

vanessaalmeida4600@gmail.com

Aldenice da Silva Marques (UEMA)

aldenicemarques7@gmail.com

Bruno da Silva da Costa (UEMA)

brunocosta8@aluno.uema.br

Jonas Lima Fernandes (UEMA)

jonaslimaa2000@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar em síntese as atividades de extensão desenvolvidas junto a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e a Pró-reitora de Extensão e Assuntos Estudantis – PROXAE, durante o ano de 2021 e 2022. Assim, nesse primeiro momento, apresentar o projeto de extensão: *Conexões entre linguística e cibercultura no ensino de Língua Portuguesa: substantivo, adjetivo (nomes) e verbo – proposta de criação de material didático*. As propostas pedagógicas são embasadas por teóricos do ensino de gramática e linguísticas que dão suporte ao ensino de língua portuguesa, como Raposo (2013), Azeredo (2012), Bagno (2011), Bechara (2010), Ilari (2014), Câmara Jr. (2011), Castilho (2012) Cunha e Cintra (2007; 2016), Neves (2011) entre outros. Para a execução do trabalho, utilizam-se as salas de aula do *Campus Santa Inês* e as plataformas digitais. Os resultados estão sendo compartilhados em nossa página do *Instagram*: @conexoesdelinguaportuguesa, acessado por alunos do *Campus Santa Inês*, professores e alunos do ensino médio e pessoas sem ligação direta com o projeto. Conta com 90 seguidores e 46 publicações até o momento. Outro resultado são as produções de quadrinhos de nossa autoria sobre o ensino de substantivo, adjetivo e verbo. Nossa plataforma busca mesclar a teoria com aspectos práticos. As publicações são baseadas nos autores estudados. Devido à pandemia exercer a pesquisa dentro da universidade e em escolas, ainda, é um obstáculo, porém investigou-se nas gramáticas e livros diversos a produção de objetos de conhecimentos para publicação em meios digitais.

³⁶ Este é um Projeto de extensão financiado pela Universidade Estadual do Maranhão 2021/2022. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis – Proexae/Coordenação de Extensão – CE.

Palavras-chave:
Cibercultura. Língua portuguesa. Material didático.

ABSTRACT

The aim of this work is to present in summary the extension activities developed with the State University of Maranhão – UEMA and the Pro-Rector of Extension and Student Affairs – PROXAE, during the year 2021 and 2022. Thus, in this first moment, to present the extension project: Connections between linguistics and Cyberculture in Portuguese language teaching: noun, adjective (nouns) and verb – proposal for the creation of didactic material. The pedagogical proposals are based on grammar and linguistics teaching theorists who support the teaching of Portuguese, such as Raposo (2013), Azeredo (2012), Bagno (2011), Bechara (2010), Ilari (2014), Câmara Jr. (2011), Castilho (2012) Cunha and Cintra (2007; 2016), Neves (2011) among others. For the execution of the work, the Santa Inês Campus classrooms and digital platforms are used. The results are being shared on our Instagram page: @conexoesdelinguaportuguesa, accessed by students from Campus Santa Inês, teachers and high school students and people with no direct connection to the project. It has 90 followers and 46 publications so far. Another result is the production of comics of our authorship on the teaching of noun, adjective and verb. Our platform seeks to merge theory with practical aspects. Publications are based on the authors studied. Due to the pandemic carrying out research within the university and in schools, it is still an obstacle, but the production of knowledge objects for publication in digital media was investigated in various grammars and books.

Keywords:
Cyberculture. Portuguese language. Teaching material.

1. Introdução

Este trabalho apresenta reflexões sobre as conexões linguísticas no ensino de substantivo, adjetivo e verbo. Considera-se que, a partir dos teóricos, se constitua uma prática de jogos gramaticais e jogos de linguagem. Concebe-se que, no funcionamento significativo e comunicativo da língua, os jogos de linguagem partam do seu uso real em discursos e em textos, sempre a partir da intencionalidade comunicativa daqueles que falam ou escrevem.

Nosso objeto estudo, as conexões entre linguística e cibercultura, no ensino de língua portuguesa, tem por finalidade a formação científica de alunos do curso de Letras e do ensino médio básico, além da criação de um *e-book* como material didático, um facilitador na aprendizagem que envolve mídias digitais no ensino de morfossintaxe dos substantivos, adjetivos e verbos.

Essa formação científica é de suma importância para novos profissionais de educação básica da área de letras, pois são através deles que os alunos do ensino médio alcançarão um maior entendimento e aprendizado dos conteúdos substantivo, adjetivo e verbo em sala de aula, as propostas pedagógicas são embasadas por teóricos do ensino de gramática e por linguísticas que dão suporte ao ensino de língua portuguesa, como Raposo (2013), Neves (2011), Azeredo (2012), Bagno (2011), Bechara (2007; 2014), Ilari (2014), Câmara Jr. (2011), Castilho (2012) Cunha e Cintra (2007, 2016) entre outros.

Ademais, os apoiadores das tecnologias também nos ajudam neste percurso, porque a *internet* e as mídias sociais ganham popularidade, atualmente, não só com os jovens, mas também com as crianças e adultos. Os resultados, dos estudos, são publicados na rede social *Instagram*.

Por fim, a produção deste material, ao oferecer uma proposta didática que apresenta conexões para o ensino, está pautado no seguinte objetivo: investigar as contribuições e conexões entre linguística e cibercultura para o ensino de substantivo, adjetivo (nomes) e verbo para estudantes de Letras, Campus Santa Inês/UEMA, futuros professores na educação básica, e alunos do ensino médio como proposição de elaboração de um *e-book*.

2. Material e métodos

Este trabalho vem sendo desenvolvido de forma remota devido a pandemia da COVID-19. Para sua execução, utiliza-se as salas de aula do Campus Santa Inês/UEMA, faz-se reuniões nas plataformas digitais *Teams* e *Google Meet*, onde se chegou a alguns resultados preliminares obtidos nas gramáticas e nos estudos linguísticos, sendo compartilhados em *cards* numa página do *Instagram*: @conexoesdelinguaportuguesa. Todos os *cards* foram produzidos a partir da plataforma de design gráfico “*Canvas*”.

Como procedimentos metodológicos para a produção desse material, teve-se um aprofundamento no projeto pedagógico que nos deu sustentação, pois utilizou-se livros de gramáticos/linguistas para a compreensão da evolução diacrônica e sincrônica do estudo da língua e das classes de palavras substantivo adjetivo e verbo. Esse estudo ocorreu numa abordagem exploratória com o objetivo de familiarização do tema e processo de transformação linguística.

Esses procedimentos metodológicos envolvem estudos bibliográficos e de natureza qualitativa. Portanto, tem por base as pesquisas e análises dos teóricos sobre o ensino de classes de palavras abertas: substantivo, adjetivo e verbo. Contou-se com o apoio de alunos de Letras e as orientações do professor orientador para a revisão das publicações periódicas no meio digital, o qual será guia para a conclusão final do trabalho.

3. O meio digital: cibercultura no ensino de língua portuguesa

Contemporaneamente, com a inserção dos gêneros digitais e de dispositivos eletrônicos no dia a dia, mudanças na produção e propagação da textualização também ocorreram. Concordamos que se faz necessário incluir no ambiente escolar práticas pedagógicas, que vejam os aspectos da multimodalidade, da hipertextualidade e da interatividade marcado pelos ambientes digitais e não somente restrito à cultura do impresso.

As mídias digitais no ensino de língua portuguesa nestes tempos de ensino remoto se tornaram, ainda, mais visíveis. Segundo Gomes (2016), possivelmente, com o uso as tecnologias digitais, a autoridade do professor cedeu lugar ao trabalho em equipe, ou seja, o professor agindo em função dos que pensam.

Dessa forma, o uso da cibercultura no ensino de língua portuguesa só funcionará se houver conexões e interconexões no espaço, pois, para Zacharias (2016), ser letrado hoje não é garantia de ser letrado amanhã, porque as tecnologias se renovam, o que exige do ser humano ser experiente em várias mídias, a internet hoje é promotora de hábitos de leituras ubíquas e plurais com menos hierarquias e linearidade.

Para Zacharias (2016), ler, historicamente, era somente decodificar signos e desvendar os sentidos pretendidos pelo autor, e não para a construção de sentidos. Para os psicolinguísticas, ler requer um sujeito envolvido na obtenção de significados, compreensão e interpretação do conteúdo, ler é “produto da interação entre o leitor e o texto” (ZACHARIAS, 2016, p. 19).

Para os militantes das tecnologias da informação e da comunicação, a cultura digital é a cultura da contemporaneidade, em que as tradições novas e antigas, os signos locais e globais se coadunam e mudam comportamentos. A globalização e o uso das tecnologias influenciam na

socialização, aquisição de valores, na percepção e ação sobre o mundo, o que inclui os modos de ensinar e de aprender.

Sendo assim, como desafio principal no desenvolvimento do letramento digital na escola, temos a formação dos professores. Para Zacharias (2016), o professor precisa refletir sobre a sua prática individual e coletiva, porque está nele o agenciamento do “esforço, tempo e desejo para promover as necessárias mudanças nos processos de ensino e aprendizagem” (ZACHARIAS, 2016, p. 29).

Coadunamente, com o acesso e o domínio das tecnologias como ferramenta de desenvolvimento, podemos constatar um distanciamento entre os que conhecem e os que desconhecem a linguagem digital. Para Gomes (2016), o uso da mídia digital pode promover saltos qualitativos no desenvolvimento do pensamento humano tanto em raciocínio abstrato quanto em inferências lógicas com rapidez e eficácia do que qualquer outro ambiente de aprendizagem.

Portanto, o meio digital e a cibercultura têm o papel de facilitar e promover os processos de ensino e aprendizagem, porque cremos que esse meio nos estimula ao uso dos recursos midiáticos, para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa, com emancipação e autonomia.

4. A gramática e alguns resultados e produções de cards sobre o ensino de substantivo, adjetivo e verbo: suas ramificações na língua

Os primeiros resultados obtidos no desenvolvimento deste trabalho foi a criação do *Instagram* @conexoesdelinguaportuguesa³⁷, curtido e seguido por alunos do Campus Santa Inês e outras pessoas. Conta com 89 seguidores e 87 publicações até o momento. Entre esse público temos: acadêmicos, professores, alunos do ensino médio e pessoas sem ligação direta com o projeto.

³⁷ Para maiores esclarecimentos consultar a nossa página no Instagram.

Figura 1: Instagram @conexoesdelinguaportuguesa³⁸.



Fonte: Autoria própria.

Outro resultado são as produções dos primeiros *cards* de nossa autoria sobre o ensino de substantivo, adjetivo e verbo. Essa junção da teoria com aspectos práticos do cotidiano são exemplos de como essas classes de palavras abertas funcionam na formação de frases/textos.

Sendo assim, Silva Neto e Oliveira (2016), sobre a fundação da disciplina gramatical pelos gregos, e baseados em Neves (2012, p. 214), dizem que uma indicação importante, sobre a gramática, se refere ao fato de que Dionísio Trácio, na sua *Téchne Grammatiké*, na linha do pensamento dos gramáticos alexandrinos, distinguiu o discurso em oito partes³⁹ (mas vai nos interessar em nosso estudo apenas três delas), o que compunha um esquema semelhante ao de nossas gramáticas normativas e descritivas tradicionais. O nome = substantivo ‘ónoma’, verbo ‘rhêma’ e nome adjetivo ‘ónoma epítheton’ (NEVES, 2011, p. 220). Isso ocorria, segundo essa autora, porque na época de Platão e Aristóteles os elementos denominados funcionavam antes como predicado e se incluíam entre os verbos, depois é que passaram a ser classificados como nomes por Dionísio Trácio e Apolônio Díscolo.

Diante disso, as ramificações dessas classes de palavras na língua escrita nos fazem acreditar que o adjetivo, segundo Cunha e Cintra (2007, p. 259), “é essencialmente um modificador do substantivo” e serve para caracterizar os seres, objetos e noções nomeadas pelo substantivo, para indicar **qualidade ou defeito**: por exemplo, como em *inteligência lúcida*, *homem perverso*; **modo de ser**: *pessoa simples*; **aspecto ou**

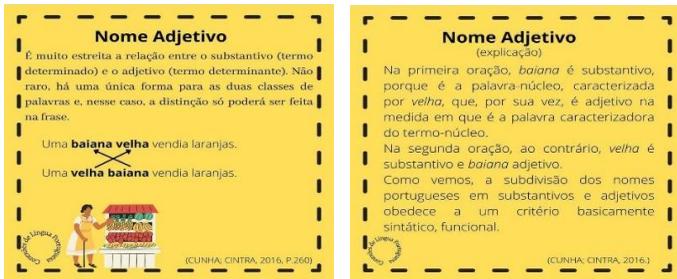
³⁸ Todos os *cards* foram produzidos a partir da plataforma de design gráfico “Canvas”.

³⁹ Consultar: Gramática de usos de português de Neves, 2011. Nova Gramática do Português Brasileiro de Castilho, 2012. Gramática Pedagógica do Português Brasileiro de Bagno, 2011.

aparência: céu azul, vidro fosco; **e estado:** casa arruinada, laranjeira florida. Dizem, ainda, que os adjetivos estabelecem com os substantivos uma relação de tempo, matéria, finalidade, propriedade, procedência etc., por exemplo: nota mensal – relativa ao mês; vinho português – proveniente de Portugal.

Segundo Cunha e Cintra (2007/2016, p. 258), entre o nome substantivo e o nome adjetivo há uma estreita relação, cuja distinção só se faz na frase. Essa subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério sintático e funcional, por exemplo: a) Uma preta velha vendia laranjas. (preta: substantivo, velha: adjetivo). b) Uma velha preta vendia laranjas. (velha: substantivo, preta: adjetivo).

Figura 2: A relação dos termos usados como nome adjetivo e nome substantivo.



Fonte: Textosbaseado em Cunha e Cintra, 2016.

Portanto, quando estudamos os movimentos da mudança e percebemos nela inovações, ou se é verdade que as coisas se repetem, também é verdade que a cada repetição elas apresentam diferenças, se distanciam um pouco do que eram antes, porque na verdade “a repetição como proposta de retomar a classificação de substantivos e adjetivos como nomês” é uma repetição com algo a mais (BAGNO, 2011, p. 668). O fato é que a semelhança de funções que existe, que aproximam os substantivos e os adjetivos, a definição mais abrangente de adjetivos não só no português-brasileiro, mas em todas as línguas, seria “palavra que modifica/qualifica um substantivo ou um verbo”, sendo o substantivo a essência do ser.

A definição da natureza da classe dos adjetivos, em geral, para Neves, “são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo” (2011, p. 173). Essa atribuição dos adjetivos funciona de dois modos, a primeira qualificando e a segunda subcategorizando, vejamos os

exemplos retirados de Neves:a). Lembro-me de alguns, Dr. Circinato Richter, homem GRANDE, GENTIL e SORRIDENTE, que as vezes trazia seu filhinho Roberto e a esposa, moça BONITA e SIMPÁTICA. (qualificação do nome). b) Foi providenciada perícia MÉDICA e estudo PSICOLÓGICO (subcategorização do nome).

Quanto ao substantivo, Bechara diz que essa classe de lexema se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação) (Cf. BECHARA, 2007).

Para Bagno (2011), apesar de juntos, mas separados, o substantivo e o adjetivo possuem conceitos e definições próprias, tradicionalmente em muitas gramáticas se conceituam o substantivo como a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral, como fez Cunha e Cintra (2007). Bagno diz que essa conceituação não define substantivo, postula que na investigação linguística recente abandonou-se o tratamento da substância e do ser para optar pelo estudo da referenciação, assim define substantivo:

[...] é a palavra que nos permite fazer referência aos objetos do mundo real, do mundo virtual e do mundo mental. E essa referência se faz pela designação: os substantivos são os nomes que damos aos objetos desses mundos para que possamos nos referir a eles. (BAGNO, 2011, p. 695)

Diante disso, Bechara (2010, p. 66) diz, ainda, que o substantivo é a classe de palavra que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação). Qualquer palavra tomada materialmente pode substantivar-se (o se, o de, o não, o porquê) e estará sujeita às regras de flexão e derivação dos substantivos (os ses, os des, os não, os sins, os porquês).

Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes substantivos, numerais ou qualquer palavra substantivada).

O tratamento conjunto de substantivo e adjetivo sob o rótulo nome remonta a uma longa tradição nos estudos da linguagem. O que parece justificar esse tratamento unificado é o fato de, nas línguas clássicas (o grego e o latim), as duas classes compartilharem propriedades mórficas, como flexão de gênero, número e caso, sendo possível a distinção entre em termos (Cf. ILARI, 2014). Isto é, a classificação de palavras no contexto da Tradição Gramatical, uma família há que a cada palavra pertence e em algumas situações uma mesma palavra pode ser de mais de uma família, como é o caso dos substantivos e adjetivos.

Como a linguagem era usada pelo homem para traduzir a realidade, o meio em que vivemos, ele foca no nome – instrumento do falar; para nos instruir, distinguindo as coisas (substantivo). Pelas bases primitivas da língua, Aristóteles já estava mais à frente, pois ele estava categorizando a classe das palavras, ou seja, dizendo o porquê dela se encaixar naquela classe (família). Por exemplo: o substantivo referencia a função pela qual um signo linguístico se refere às coisas, aqui entendidas como qualquer entidade do mundo extralinguístico, real ou imaginário (Cf. ILARI, 2014). Ele está na classe do antes chamado categoremático, capaz de por si só ser o sujeito e o predicado. Uma única palavra/signo dá o sentido completo.

Figura 3: Exemplificando o sentido das palavras fim e final (substantivo e adjetivo).



Fonte: Autoria própria.

Exemplificando que o uso de algumas palavras nos confunde bastante no que diz respeito ao seu emprego. FIM e FINAL são duas delas, muito confundidas quanto aos seus usos, geralmente tendemos usar sempre o final, mas há diferenças bem significativas entre ambas. FIM = é substantivo (Dica: contrário de início), já FINAL = é adjetivo (Dica: con-

trário de inicial). Diferenças tanto morfológica/ semântica para cada uma delas.

Ademais, “funcionam como determinantes do substantivo os artigos definidos e indefinidos, os pronomes adjetivos, os quantificadores definidos e indefinidos” (ILARI, 2014, p. 15). Isto é, eles são auxiliares para nos informar sobre o singular ou plural; gênero masculino, feminino ou neutro dentro do contexto em que estão inseridos. Como por exemplo: *O acarajé eu acho que é de feijão*. Isso, para exemplificar o gênero do que está sendo classificado – o acarajé. É possível a classificação dos livros, de uma turma. Já nesse exemplo, se apresenta que está no plural e definindo o sentido da frase – os livros / uma turma.

Além de nos dizer, ainda, sobre os pronomes possessivos e demonstrativos dentro da construção da frase, para designar posse e situando a posição das pessoas no discurso, como: no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Exemplo: Na minha casa, por exemplo, se come verduras, eu como, minha mulher não come, meus filhos adoram. Dar-se o sentido de posse em - minha casa / minha mulher / meus filhos, que subentendemos ser do introdutor. Exemplificando, ainda, foi possível observarmos como um ponto de vista se aplica sobre um posicionamento no próprio discurso.

Adicionalmente, apresentam-se os substantivos primitivos e derivados. Os substantivos primitivos não derivam de nenhuma outra palavra dentro da língua, como é o caso de fruta, amor e café, ao passo que os substantivos derivados são formados a partir de outra palavra da língua, como é o caso de frutaria, desamor e cafezal. Eles podem formar-se a partir de diversas classes gramaticais: a) de outro substantivo, como: tesouro, moleque, operário e etc. Exemplo: Bom... ao tesoureiro compete evidentemente toda a situação financeira do sindicato. b) de um adjetivo como: solene, enfermo, digno. Exemplo: Bom tinha a solenidade de formatura. c) de um verbo como: arrecadar, classificar, publicar. Exemplo: Estou vendo toda essa campanha de arrecadação (Cf. ILARI, 2014).

Figura 4: Uso do radical -fruit.



Fonte: A autoria própria.

Outra classificação dos substantivos, quanto ao seu uso, é que podem ser simples e compostos. Os substantivos simples são aqueles construídos apenas com um radical. Exemplo: dente; baú; vassoura; flor; mulher; criança entre outros. Eles podem ser, quanto à:

1. Flexão de gêneros: Biformes (menino/menina); Heterônimos (mulher-homem); Uniformes. Comum de dois (o estudante/ a estudante); Sobrecomum (a criança/ o indivíduo/ a pessoa); Epiceno (macho-fêmea);
2. Flexão de Número: Singular (casa/ criança) e plural (casas/ crianças).

Os substantivos compostos são aqueles construídos com dois ou mais nomes, mas que possuem a função de apenas um. Exemplo: dente-de-leão; guarda-roupa; girassol entre outros. Eles podem se formar por: a) justaposição (arco-íris / fim de semana / passatempo) e b) aglutinação (aguardente – água+dente / vinagre – vinho + acre / planalto – plano + alto).

Para Bechara, (2010/1999, p. 351), a composição é “a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante”. Existem ainda, segundo os gramáticos, estruturas que geraram um número menor de produtos, que são: adjetivo + adjetivo = rubro-negro. Verbo + verbo = vaivém. Verbo + conjunção + verbo = leva-e-traz. Verbo + advérbio = puxavante (Tipo raro). Advérbio + adjetivo = sempre-viva. Advérbio + substantivo = benquerença. Pronome + substantivo = Nosso Senhor). Numeral + substantivo = quintessência. Advérbio + verbo = maltratar.

Os substantivos coletivos são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie. Observe suas classificações: a) quantidade de indivíduos: cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim; b) uma parte organizada de um todo:

regimento, batalhão, companhia = parte do coletivo geral exército; c) um grupo acidental: multidão, bando de andorinhas, bando de ciganos. d) um grupo de seres de determinada espécie: boiada – de bois, ramaria – de ramos.

Figura 5: Uso dos substantivos coletivos.



Fonte: Autoria própria.

Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns coletivos mais conhecidos: alcateia (de lobo) Elenco (de estrelas); arquipélago (de ilhas); falange (de anjos, de soldados); banda (de músicos); feixe (de lenha, de capim); bando (de aves, de ciganos); girândola (de foguetes); cardume (de peixes); legião (de soldados, de demônios); caravana (de viajantes, de peregrino); turma (de estudantes, de médicos) (Cf. CUNHA; CINTRA, 2016, p. 192-3).

Paulatinamente, segundo Ilari, a denominação “verbo” remonta aos romanos e pode ser encontrada, por exemplo, em Cícero e Varrão. Como *verbum*, em latim, significa “palavra” – qualquer palavra independentemente da classe morfosintática-, parece que a escolha dessa denominação para indicar a classe morfosintática que, ainda hoje, denominamos “verbo”, queria expressar a ideia de que o verbo é a “palavra por excelência” (ILARI, 2014, p. 65).

Para esse autor, os verbos são as palavras que, indicam ações ou estados. Na morfologia cada palavra é analisada como se fosse única, sem interesse na função que está desempenhando na oração. Porém, cada verbo tem uma unidade lexical, que poderíamos chamar de “molde” ou

“matriz”, que serve para a construção da sentença, assim, cada verbo estabelece uma relação com uma pessoa da oração que caracteriza. Assim, cada verbo tem sua categoria que responde o papel de identificar a função que eles assumem nos enunciados; no português, existem três possibilidades conhecidas, tradicionalmente, como primeira pessoa: a que fala; segunda pessoa: com quem se fala e terceira pessoa: de quem se fala.

Para Bechara, verbo “é a unidade que significa ação ou processo, unidade que está organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número”. Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número (Cf. BECHARA, 2010, p. 192).

Desse modo, o verbo se combina com o enunciado em que foi colocado, isto é, com os morfemas, que são unidades ou elementos de significação que formam as palavras, bem como alteram o seu significado: **de tempo no passado**, a fatos anteriores ao momento em que falamos é subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito. **No presente**, fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos. E, **no futuro**, a fatos ainda não realizados e subdividido em futuro do presente e futuro do pretérito.

1) De modo **indicativo**, a fatos verossímeis ou tidos como tais. **Subjuntivo**, a fatos incertos. **Condicional**, a fatos dependentes de certa condição. **Optativo**, à ação como desejada pelo agente. **E imperativo**, a um ato que se exige do agente.

2) De pessoa – a) a 1ª pessoa é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais eu, no singular, e nós, no plural. b) a 2ª pessoa é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais tu, no singular, e vós, no plural. E c) a 3ª pessoa que é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais ele, ela, no singular, e eles, elas, no plural.

3) De número - singular ou plural. Por exemplo: O verbo ‘fazer’ quando está indicando tempo passado, não vai para o plural. Outro exemplo, é o verbo ‘Haver’ (no sentido de existir). Ambos são considerados impessoais, são aqueles não possuem sujeito, ou seja, eles surgem em orações sem sujeitos; sempre na 3ª pessoa do singular.

Figura 6: Exemplo com o verbo fazer.



Fonte: Autoria própria.

Portanto, apresentou-se os resultados parciais, primeiro a criação do *Instagram* @conexoesdelinguaportuguesa e segundo os *cards* sobre os conteúdos de substantivo, adjetivo e verbo. Colaborativamente, essa junção será suporte para a conclusão do nosso projeto.

Vejamos mais exemplos de nossa página:

Figura 7: Uso o uso das formas nominais do verbo e suas categorias respectivamente.



Fonte: Texto baseado em Azeredo (2012).

Figura 8: Uso o uso das formas nominais do verbo e suas categorias respectivamente



Fonte: Texto baseado em Azeredo, 2012.

Figura 9: Uso de substantivos abstratos e concretos.

Classificação do substantivo

Dentre as classificações também estão os concretos e abstratos:

- Concreto é o que designa ser de existência independente: casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe. Eles nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas;
- Abstrato é o que designa ser de existência dependente: prazer, beijo, trabalho. Eles designam ação, estado e qualidade, considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

BECHARA, 2010. (Pág.66)

Substantivos abstratos

Exemplos que indicam ação: Eu não vou superar a sua partida!

Que indicam estado: É incrível sentir aquela emoção!

Que indicam qualidade: Quanta gentileza a sua!

Substantivos concretos

Exemplos:

Não vejo a hora de cair no mar.
Adorei a construção daquela casa.
Este carro é perfeito!

Fonte: Texto baseado em Bechara, 2010.

Figura 10: Uso das vozes do verbo.

Vozes

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

- a) como praticado pelo sujeito:
João feriu Pedro.
Não vejo rosas neste jardim.
- b) como sofrido pelo sujeito:
Pedro foi ferido por João.
Não se vêem [estão vistas] rosas nesse jardim.
- c) como praticado e sofrido pelo sujeito:
João feriu-se.
Dei-me pressa em sair.

(CINTRA; CUNHA, p. 398-399)

Fonte: Texto baseado em Cunha & Cintra, 2017.

Figura 11: Compreensão sobre Verbo Nome.

VERBO? NOME?

É importante dizer que "[...] os temas verbais diferem dos nominais." Acontece que na classe dos nomes temos a divisão categórica por número e gênero, e na dos verbos as desinências, especificam o modo, tempo, pessoa e número. São justamente elas que fazem os verbos distanciarem formalmente da trilha nominal. (MONTEIRO, José Lemos, 2002, p. 101).

Fonte: Texto baseado em Monteiro, 2002.

5. *Breves Considerações*

Devido à pandemia, este trabalho ainda não chegou às escolas, porém investigou-se nas gramáticas e livros os conhecimentos para publicação nos meios digitais. Com nossa página na plataforma *Instagram*, continuaremos a produzir *cards* para que se alcance uma das metas pretendidas, o ensino e aprendizagem das classes de palavras abertas pelo meio digital.

Em breve, expandiremos a nossa pesquisa e estudo para espaços escolares físicos, onde se colherá informações para a produção final de nosso material. Enfim, com a conclusão do projeto com aporte nos estudos linguísticos e da cultura digital traremos trabalhos futuros que abordem o ensino da morfossintaxe dos substantivos, adjetivos (nomes) e dos verbos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, M. H. de M. CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs). *Gramáticas contemporâneas do português*. São Paulo: Parábola, 2014.

_____, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. 17. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. (recurso eletrônico) 2. ed. ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Celso. LINDLEY CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. (recurso eletrônico) 7. ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

GOMES, S. dos S. Infância e Tecnologias. In: COSCARELLI, C.V. (Orgs). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016. p. 145-58

ILARI, Rodolfo. *Palavras de Classe Aberta*. São Paulo: Contexto, 2014. (V. III)

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Estrutura verbal. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva; VELOSO, Rita. Adjetivo e sintagma adjetival. In: RAPOSO *et al*, (Orgs). *Gramática do Português*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, 2013. (V. II)

SILVA NETO, Antonio Cílfrio da; OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. Sistematização de Terminologias Gramaticais (Substantivo e Adjetivo). In: CAVALCANTE, M.S.D. *et al*. *Lingua(gem), discurso e ensino: concepções teóricas e ressignificações da prática docente*. 1. ed. Goiânia: América, 2016. p. 53-68

ZACHARIAS, V. R. de C. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016. p. 15-29